

SESSION 2014

---

**CAPES  
CONCOURS EXTERNE**

**Section : LANGUES VIVANTES ÉTRANGÈRES  
PORTUGAIS**

**COMMENTAIRE DIRIGÉ EN PORTUGAIS**

Durée : 5 heures

---

*L'usage de tout ouvrage de référence, de tout dictionnaire et de tout matériel électronique est rigoureusement interdit.*

*Dans le cas où un(e) candidat(e) repère ce qui lui semble être une erreur d'énoncé, il (elle) le signale très lisiblement sur sa copie, propose la correction et poursuit l'épreuve en conséquence.*

*De même, si cela vous conduit à formuler une ou plusieurs hypothèses, il vous est demandé de la (ou les) mentionner explicitement.*

**NB : La copie que vous rendrez ne devra, conformément au principe d'anonymat, comporter aucun signe distinctif, tel que nom, signature, origine, etc. Si le travail qui vous est demandé comporte notamment la rédaction d'un projet ou d'une note, vous devrez impérativement vous abstenir de signer ou de l'identifier.**

**TEXTE**

*Carta de Arminda a J. C. em memorável data:*

*Montemínimo, 25 de abril*

Querido João Carlos,

Quando a minha missiva aí chegar já estarás bem informado do que aqui se passa. Acho que, em vez de ser eu a partir como me aconselhas, deves ser tu a fazê-lo, não só por causa da morte do Pai, também porque a ditadura já não dura. Se andámos a lutar pelo fim dela, [...] não faz sentido ficares num exílio voluntário agora que os exilados vão voltar, segundo parece mais provável. Ainda não se sabe até onde irão estes militares, nem se soará a hora das massas populares. Pelo menos, porém fala-se em democracia, quase novidade neste país. [...]

De resto passei o dia inteiro agarrada à telefonia, depois à televisão, indo à estação das camionetas esperar pelos jornais da capital, tentando telefonar a Samuel que não parou em casa, deixei recado, irei ter com ele amanhã, não aparece uma revolução assim do pé para a mão, se calhar nunca mais terei outra ocasião de ver um regime esticar o pernil, se é que não se trata dum engano, fada morgana. Agora, cansada de excitação, lembrei-me da lenda do José Maria dos Santos, ouvindo que um navio de cereais naufragara no estuário do Tejo, arrematando-o em leilão apesar de estar podre com a água do mar, encharcado de água (água provavelmente doce no estuário) e alimentando várias varas de porcos até ficar milionário. Será parábola da esperteza saloia nacional? Beija-te a tua irmã esperando que venhas entretanto e não seja necessário escrever-te outra carta.

*Arminda*

-----  
*Carta de J. C. a bordo do barco para o Barreiro*

*Lx, 12 de setembro de 1974*

Querida Marta,

Não suporto mais este balancear do barco cheio de mais, tão diferente desses vaporette que mesmo na linha 2 são respiráveis, sem miséria ou fealdade. Aqui um cheiro a mijo, vindo dos urinóis mal limpos, mal fechados, põe-me a ponto de enjoar, o almoço do avião sobe-me à boca a cada tombo, dou-me brutalmente conta do tombo que é cair neste país. A voz de garraão dum vendedor de cautelas apregoa jogo, carteiras de plástico para guardar documentação “necessária ao homem civilizado, carta de condução, bilhete de identidade, cartão da Caixa, custa só uma nota de vinte nem paga a gelatina”, bate violento com a carteira no joelho para provar ao universo a qualidade do produto, para separar as divisórias transparentes que a humidade pega, cospe no chão a clarear o seu pregão, o linóleo do tombadilho está coberto de escarros, beatas, cascas de tremoço, de pevide, ninguém repara, normalíssimo. Fez-se a revolução para isto? OU POR CAUSA DISTO?

Esta viagem de regresso sabe-me a derrota certa. [...]

No Barreiro há transbordo para um comboio feio e ronco, onde prossigo de letra mais tremida. Lavradio triste, Alhos Vedros sinistro, Moita carrasco, carrascal paisagem, chavascal carruagem, parceiros da frente comem amendoim cuspidando cascas para cima de mim, mudo de sítio: quem está mal muda-se, avisam-me. Acham-se normais, donos do direito, eu esquisito com o livro debaixo do braço, muito maior que a mala, estrangeiro nesta Aldeia dos Macacos, numa colossal trápola armada por S. Marcos, patrono deste desgraçado

45 dia em que me decidi a ceder ao bom senso, aos pedidos da família, à chantagem da minha  
mãe que ameaça matar-se se não voltasse. Na Fonte a estação encerrada, a escola idem aspas.  
[...] Destroços à minha volta: tempo de gente cortada, enganada, nas mãos de políticos que  
50 comem a carne e deixam os ossos, quem lhes há-de devolver, e quando, o roubado há  
gerações? Os fariseus não andam a ver navios, quem os topa sou eu e estes tristes abanando a  
cabeça, descontentes, ao ritmo deste trilho.

Minha querida, desculpa a deserção que eu não consigo desculpar e escreve-me sem  
esperar pela demora das cartas. O correio de Montemínimo é um atraso de vida. As minhas  
50 seguirão todos os dias, com o amor sem fé, esperança ou qualquer caridade do

*João Carlos*

Almeida Faria, *Lusitânia*, p. 75-78 et p. 131-134, Editorial Caminho, 1987

### QUESTIONS

1. Situe o trecho do romance de Almeida Faria no seu contexto histórico e político, apoiando-se nos documentos em anexo.
2. Apresente e analise as relações/reações dos personagens face à nova situação evocada.
3. Ponha o trecho de *Lusitânia* em perspetiva com os documentos em anexo, salientando a problemática inerente.

## DOCUMENTS ANNEXES

### Document n° 1

Um homem de meia-idade carão fechado por mil rugas de desesperança, ampara o corpo à bagagem, no aeroporto do Figo Maduro, em Lisboa. Uma mala, dois sacos de viagem, um outro de plástico, a geleira, uma boneca de pernas para o ar – eis o espólio de colono que o acompanha de Angola.

Num outro extremo da cidade, rente às margens do estuário do Tejo, sob um céu carregado de nuvens, caixotes de madeira amontoam-se, escondendo-o, em volta do monumento que assinala a partida, há cinco séculos, dos primeiros soldados, marinheiros e frades da histórica gesta marítima de um povo implantado no extremo ocidental da Europa e que logrou chegar ainda além da Taprobana.

Duas décadas mais tarde, quando se comemorar os 400 anos da descoberta do Novo Mundo, a correcção política mandará substituir por um mais apropriado “Encontro de Culturas” a palavra “Descobrimientos”, e já terão desaparecido quase todos os fantasmas que ensombraram o difícil relacionamento entre antigo colonizador e antigo colonizado. Mas por agora e durante algum tempo os acontecimentos galgam indomáveis, dramáticos, as margens de um e do outro lado, rompido que foi, em 25 de Abril de 1974, por um movimento de capitães, o dique que atrasou por 48 anos a democracia e por 13 arrastados anos a marcha da história da descolonização. Não passaram ainda cinco meses sobre a queda da ditadura e já o comandante do PAIGC Pedro Pires posa em Belém, sob os óleos de Carmona e Craveiro Lopes, após a breve cerimónia em que a sua assinatura e a do antigo comandante em chefe das forças armadas portuguesas na Guiné, António de Spínola, conferiram reconhecimento formal à primeira das cinco independências, unilateralmente proclamada um ano antes e reconhecida entretanto por mais de oito dezenas de países.

Manifestações de rua em Lisboa, no Porto e nas principais cidades da metrópole pedem o fim da guerra, em consonância com as movimentações de soldados e oficiais subalternos que, na frente de batalha, levantam a bandeira branca, confraternizam com os terroristas de há momentos e abandonam os quartéis onde meninos-guerrilheiros lhes ocupam o lugar e mimam a pose.

*In Público, 23/04/1995*

### Document n° 2

#### **Portugueses voltam a Angola**

Angola começa a fazer parte do sonho dos portugueses que perderam as esperanças uma vez confrontados com a crise que se vive em Portugal. Segundo um estudo produzido pela Obra Católica das Migrações Portuguesas, Angola foi o segundo país com maior índice de procura no ano de 2006.

Para Angola vieram cerca de 12 mil portugueses na ânsia de refazer a sua vida, procurando essencialmente uma oportunidade de emprego.

Entretanto, segundo os analistas, estes números não parecem uma mera casualidade, mas refletem uma estratégia global das autoridades portuguesas em desanuviar o clima de crise. Com isso, reforçou os seus laços de cooperação com países como Angola. Neste sentido foi

mesmo assinado um memorando de entendimento para a activação de uma linha de crédito na ordem dos 600 milhões de dólares americanos.

Com esta linha de crédito, Portugal pretende que as suas empresas entrem, essencialmente na área da construção de infra-estruturas, rivalizando assim com o gigante asiático, a China, e com os brasileiros.

Desde a visita de José Sócrates a Angola, cresceu não só os termos desta cooperação, como se intensificou em vários domínios como a banca comercial, a construção civil e obras públicas, assim como os serviços, o que necessariamente tem permitido este forte fluxo de emigrantes ao País.

Na actualidade, segundo a Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas, os portugueses são hoje 45 mil em Angola. Há dois anos, os portugueses não eram mais do que 20 mil, o que demonstra bem o crescente interesse.

15-08-2006 | Fonte: Angolense  
<http://www.angonoticias.com/Artigos/item/10426>